

PROFISSIONAL

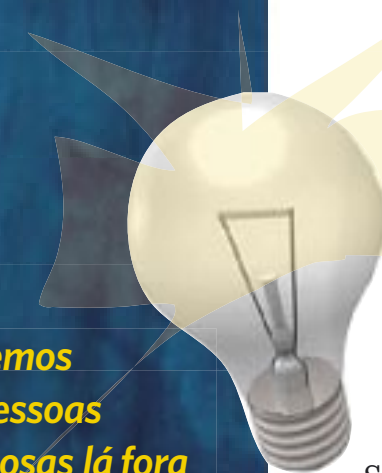
ANA TERESA TAVARES 33 ANOS

FORMAÇÃO Licenciada em Economia e Gestão (Univ. do Porto). Mestrado em Economia Internacional e Integração Económica e doutoramento em Economia, com tese na área das multinacionais, (Univ. de Reading, Reino Unido). É a única portuguesa com um pós-doutoramento em multinacionais, desenvolvimento económico e investimento directo estrangeiro (Univ. de Strathclyde).

ÁREAS DE ESPECIALIZAÇÃO Multinacionais e investimento directo estrangeiro, políticas públicas, impacto do IDE, internacionalização, competitividade das empresas e dos países, clusters e políticas de inovação.

O QUE FAZ AGORA Hoje Ana está a “investir” essencialmente na vertente académica, - é professora auxiliar na Faculdade de Economia do Porto - mas continua a fazer consultoria para instituições internacionais e nacionais. Também está associada a um centro de investigação, o Cempre, e é professora convidada em várias universidades estrangeiras.

“Nós **temos** pessoas **super-famosas lá fora** e aqui ninguém faz ideia de quem são.”



São jovens, têm currículos impressionantes e já contam com obra feita. Dificilmente terá ouvido falar neles, mas fora do país são pequenas celebridades. Conheça os jovens economistas portugueses que (ainda) não são presenças habituais nos *media* em Portugal.

POR BRUNO FARIA LOPES E MARIANA ADAM

“**À**s vezes quando entro numa sala de reunião pensam que eu sou assistente de alguém. É colossal! Em Portugal há desconfiança em relação ao que um doutorado com 20 e tal anos tem para dizer”. Quem o diz é uma jovem de 33 anos com um currículo invejável. Ana Teresa Tavares - que se pode orgulhar de ser a única portuguesa com um pós-doutoramento em Multinacionais e Investimento Directo Es-

trangeiro (tirado no Reino Unido) - faz parte de um grupo de jovens economistas portugueses com elevada reputação no estrangeiro. As opiniões destes portugueses são ouvidas e lidas com atenção em conferências internacionais e publicações da especialidade mas, estranhamente, por cá (quase) ninguém os conhece. “São sempre ouvidos os ‘suspeitos do costume’ e, às vezes, é mais contra-informação que informação”, comenta.

Apesar de possuírem capacidade e conhecimento para intervir directamente na governação do país, estes jovens, ao contrário das gerações anteriores, não se deixam tentar pelo poder, preferindo dedicar-se à investigação e ao ensino. Todos já passaram uma temporada no estrangeiro e os que voltaram

MENTES
BRILHANTES

trouxeram consigo o arejamento intelectual e a vontade de transformar que faz deles mais do que meros académicos. Têm menos de 40 anos e, por isso, são os economistas do futuro. Mais de 55 anos depois da criação, em Portugal, da primeira licenciatura em Economia — no antigo Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras, antepassado do actual ISEG, em Lisboa — o futuro da ciência económica no país parece assegurado. “As coisas melhoraram muito e, daqui a dez anos, seguramente haverá pessoas a publicar [artigos de investigação] em revistas internacionais em quase todos os departamentos de economia do país”, diz Nuno Garoupa, 35 anos, investigador e professor das Faculdades de Economia e de Direito da Universidade Nova de Lisboa. Por enquanto, as melhores cabeças pensantes da economia estão muito concentradas em Lisboa e no Porto, com destaque para a Universidade Nova e a Católica, com a Faculdade de Economia do Porto e o ISEG a surgirem em segundo plano.

Esta melhoria na produção de ciência económica em Portugal tem sido gradual, mas o grande salto está a acontecer agora. “Começa a haver mais investigação e são os jovens que estão a puxar por isso”, acrescenta Ana Teresa Tavares, professora da Faculdade de Economia da Universidade do Porto. Esta investigação não é abstracta e distante da vida dos portugueses, uma vez que a sua aplicação prática melhora a forma como o país funciona. Mesmo que, muitas vezes, implique romper com uma tradição instalada e difícil de contrariar.

TRABALHO ACADÉMICO, MAS REAL

Os economistas portugueses têm-se distinguido nas áreas da economia industrial e da regulação, da economia do trabalho e da macroeconomia. O domínio de uma ou outra área “é mais ditado por efeitos de moda, de arrastamento”, indica Pedro Pita Barros, 39 anos, professor catedrático da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa, especializado nas áreas de economia industrial e da saúde. “Num determinado ano há uma ou duas pessoas que vão para macroeconomia, por exemplo, porque tiveram um professor que as motivou para isso”, explica.

De uma forma ou de outra, o trabalho académico não serve apenas para apresentar em seminários e publicar em revistas da especialidade — o produto da investigação acaba sempre por encontrar eco na realidade. “Num número considerável de vezes, vejo que o que dizemos não é ignorado”, diz Pita Barros. A sua investigação na área da saúde e da economia da concorrên-

cia e regulação tem sido dirigida para as entidades responsáveis em Portugal, como a Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos, onde ocupa o cargo de vogal do conselho de administração. Na economia da saúde, área onde a sua autoridade é reconhecida, Pita Barros tem feito, entre outros, trabalhos sobre o modelo de financiamento dos hospitais, bem como sobre a avaliação do seu desempenho. “O primeiro trabalho que fiz nesta área foi há dez anos e mencionava coisas que nessa altura eram completamente heréticas”, diz. Com o tempo, esses conceitos “heréticos” de eficiência — como a noção de “mercado” aplicada à saúde — foram entrando no sistema de saúde. “Não teremos sido nós a mudar o sistema, mas se calhar ajudou ter um grupo de pessoas a falar nesse tipo de coisas”, conclui.

Matilde Pinto Machado, 36 anos, mexe com a vida dos espanhóis. A jovem licenciada em Economia, na Universidade Nova de Lisboa, e doutorada pela Universidade de Boston, trabalha na Universidade Carlos III, em Madrid, e tem desenvolvido vários trabalhos para instituições em Espanha. Um dos seus últimos projectos, na área da economia industrial, consistiu em “desmontar” a liberalização do mercado de electricidade em Espanha. “As empresas são as mesmas, por isso transaccionam entre elas. O que nós mostramos é que neste sistema há perdas de eficiência que atingem valores muito elevados: cerca de seis mil euros por hora. É um sistema completamente enganador”. Esta jovem economista que nasceu em Coimbra, tem agora outro projecto em mãos: está a fazer o primeiro ranking de hospitais espanhóis.

ECONOMIA SIM, POLÍTICA NIM

Luís Campos e Cunha, Maria João Rodrigues, Ernâni Lopes, Eduardo Catroga, Miguel Beleza, Fernando Teixeira dos Santos, Jorge Braga de Macedo. A influência que os economistas podem ter na resolução de alguns problemas tem levado à passagem de muitos académicos por diferentes governos e instituições, para prejuízo do seu trabalho de investigação. “Infelizmente, em Portugal o doutoramento em economia sempre foi visto como um trampolim para a política e isso arruinou as duas gerações acima da minha”, aponta Nuno Garoupa. A política acaba por ser uma “distracção” em relação à intenção original de um investigador e docente da área económica.

Para Nuno, uma das grandes diferenças na sua geração é precisamente a preferência pela investigação, em detrimento da política. “Acho que a minha geração tem feito um grande esforço para

OUTROS VALORES EM ALTA

Como em muitos outros campos do conhecimento, na economia Portugal está a recuperar o atraso que tem face aos países mais desenvolvidos — os novos nomes na ciência económica em Portugal, com projecção internacional, são em grande número. Assim, neste grupo de elite, além dos cinco nomes em destaque no texto, podem ainda incluir-se os seguintes académicos (deixando ainda outras “jovens promessas” de fora): Ricardo Reis, 27 anos, licenciado na London School of Economics, doutorado em Harvard e professor assistente de macroeconomia na prestigiada Universidade de Princeton, nos EUA; Luís Santos Pinto, 34 anos, formado na Universidade Católica Portuguesa (UCP) e doutorado na Universidade da Califórnia, especialista em economia comportamental e comércio internacional, actualmente a dar aulas na Universidade Nova de Lisboa; Susana Peralta, 30 anos, que também transitou da UCP para a Nova (onde hoje é professora assistente), depois de se ter doutorado na universidade belga de Louvain; Ricardo Gonçalves, 31 anos, licenciado no ISEG, com um mestrado e doutoramento pela Universidade de York, no Reino Unido, especialista em economia da regulação e concorrência, professor convidado na Faculdade de Aveiro e no núcleo do Porto na UCP; Nuno Fernandes, 31 anos, professor assistente na UCP, doutorado no IESE (especialização em Finanças), em Barcelona, onde ganhou o prémio de melhor dissertação de tese entre os anos 2001 e 2003.

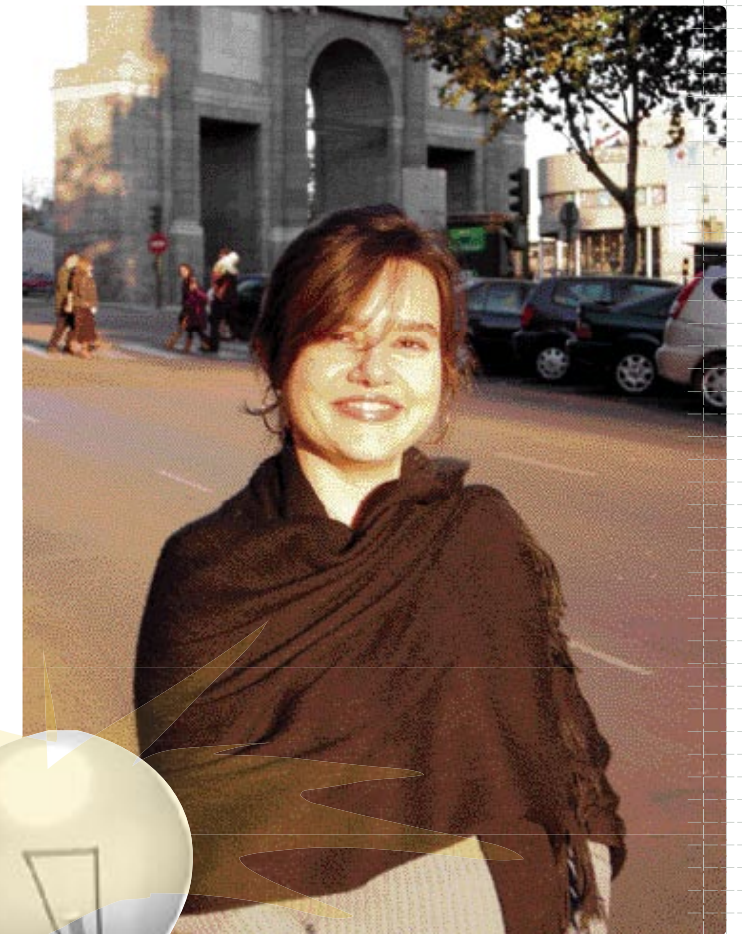
“O que *tenho visto* é que poucos voltam. Eu adorava voltar, mas nunca tive nenhum convite, nunca ninguém me contactou em Portugal.”

MATILDE PINTO MACHADO 36 ANOS

FORMAÇÃO Licenciada em Economia (Univ. Nova de Lisboa). Doutorada em Economia (Universidade de Boston).

ÁREAS DE ESPECIALIZAÇÃO Economia Industrial Empírica, Economia da Saúde e Econometria Aplicada.

O QUE FAZ AGORA Professora na Universidade Carlos III, em Madrid, membro do Centro de Pesquisa para Política Económica. Actualmente está envolvida no primeiro projecto de avaliação de hospitais em Espanha.



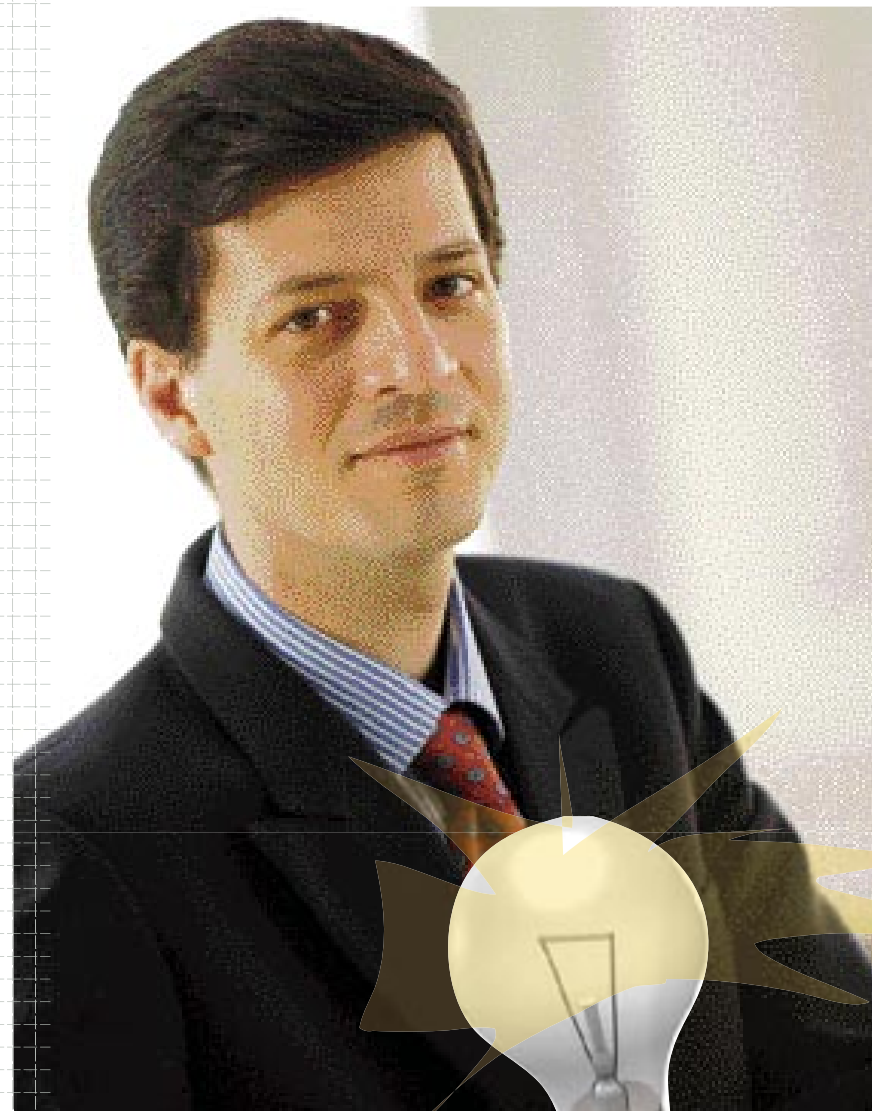
“Gosto *de pensar* a Economia como algo mais do que aritmética. O essencial é o comportamento das pessoas em determinado ambiente ou situação, num contexto de decisão.”

PEDRO PITA BARROS 38 ANOS

FORMAÇÃO Licenciatura em Economia, mestrado e doutoramento em Economia (Univ. Nova de Lisboa).

ÁREAS DE ESPECIALIZAÇÃO Economia da Saúde, Economia da Concorrência e Regulação.

O QUE FAZ AGORA Professor Catedrático da Faculdade de Economia da Universidade Nova de Lisboa. Vogal do Conselho de Administração da Entidade Reguladora dos Serviços Energéticos. Produz também investigação nas suas áreas de especialização (exemplos: trabalhos de avaliação de desempenho de hospitais, de definição do financiamento dentro do sistema hospitalar, entre outros).



NUNO GAROUPA 35 ANOS

FORMAÇÃO Licenciatura em Economia (Univ. Nova de Lisboa). Mestrado em Economia (Univ. de Londres, Reino Unido). Mestrado em Economia (Univ. de York, Reino Unido). LLM [Mestrado] com especialização em Criminologia e Justiça Criminal (Univ. de Londres).

ÁREAS DE ESPECIALIZAÇÃO **Análise Económica do Direito:** aplicação de conceitos microeconómicos a problemas relacionados com a justiça (reforma dos tribunais, avaliação da produtividade dos juizes, entre outros).

O QUE FAZ AGORA **Professor Associado da Universidade Nova de Lisboa (Faculdades de Economia e de Direito).** Além das aulas, produz investigação na sua área de especialização (um exemplo de trabalho em fase de conclusão: estudo que procura perceber as razões do congestionamento dos tribunais, do lado da procura, em Portugal).

“Há uma certa confusão em Portugal que leva a que se pense que os professores de Economia devam fazer política. Os professores, quando muito, devem aconselhar. Para fazer há os políticos. Na minha geração houve um grande esforço para separar isso.”

separar os dois campos, o académico e o político. São duas coisas muito respeitáveis, mas não temos que as misturar, porque uma acaba por matar a outra”, explica o jovem professor. Esta resistência ao canto de sereia da política existe nesta nova geração também devido à exposição que recebeu à educação superior de origem predominantemente anglo-saxónica – nos Estados Unidos da América ou no Reino Unido, a ciência serve uma função de aconselhamento do poder e deixa a sua execução aos políticos.

ESTRANGEIRO É ESSENCIAL

A segunda grande diferença trazida por estes novos economistas é a passagem por universidades no estrangeiro – a percentagem daqueles que está ou já esteve fora do país é muito

OS FUTUROS NOBEL

A medalha John Bates Clark é um dos dois mais prestigiados prémios no campo da Economia, a par do Nobel. É atribuído bianualmente pela Associação Americana de Economia a “economistas americanos com menos de 40 anos, que tenham dado um contributo significativo para o pensamento e conhecimento económico”. Cerca de 50 por cento dos galardoados venceram mais tarde o Nobel. Os últimos vencedores foram Daron Acemoglu (2005), Steven Levitt (2003), Matthew Rabin (2001), Andrei Shleifer (1999), Kevin M. Murphy (1997) e David Card (1995).

NOVA AVENTURA DA LEOPOLDINA

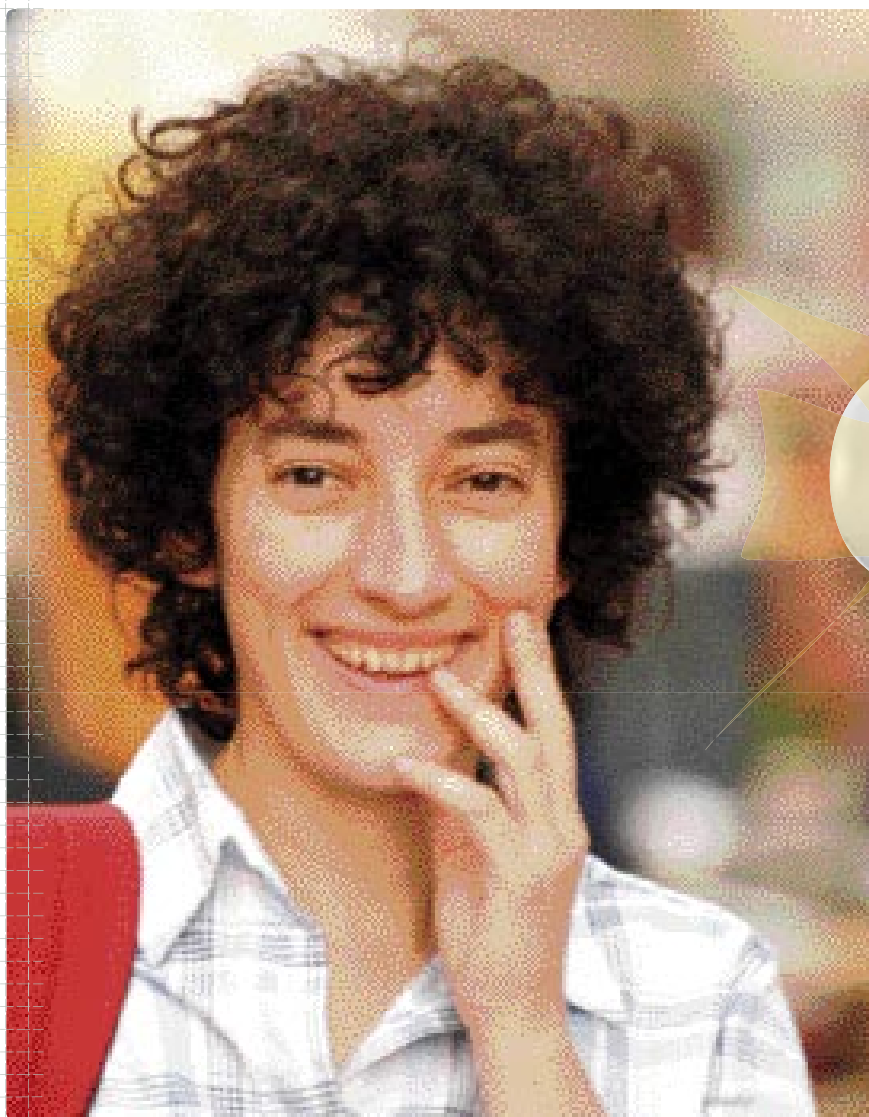
LEOPOLDINA - O MUNDO ENCANTADO - BRINQUEDOS

€2

VULÇÃO ATCHIM

Ao comprar o livro + CD está a contribuir com €1 para a Missão Sorriso.

“Na investigação é crucial a internacionalização. A exposição à língua, cultura, sistema de ensino, organização e ética laboral diferentes alarga horizontes, complementa a formação tida em Portugal e dá novos instrumentos para tirar partido de oportunidades que surjam.”



ANA RUTE CARDOSO 40 ANOS

FORMAÇÃO Licenciatura em Economia e mestrado em Economia (ISEG, Univ. Técnica de Lisboa). Doutoramento em Economia (Instituto Universitário Europeu, Florença, Itália).

ÁREAS DE ESPECIALIZAÇÃO Economia do trabalho. Exemplos das implicações práticas desta área: estudo do nível óptimo de subsídio de desemprego, estudo de medidas de promoção de emprego, análise da ligação entre sistema educativo e mercado de trabalho, entre outros.

O QUE FAZ AGORA Investigadora do IZA (Instituto para o Estudo do Trabalho, Bona, Alemanha), onde é Directora-adjunta do Programa de Investigação “O Futuro do Trabalho”. É também investigadora do Centro para Investigação de Política Económica, em Londres.

mais elevada do que nas gerações anteriores, mais isoladas. “É fundamental passar pelo estrangeiro para assegurar uma boa formação a nível avançado, como é depois essencial manter essa ligação”, refere Nuno, que fez programas de mestrado e de doutoramento no Reino Unido, ligando a Economia ao Direito, uma área recente na Europa. Esta preferência pelos ares de outros países é motivada não só pela posição periférica de Portugal (algo isolado em relação aos avanços da ciência), como pela falta de “massa crítica” na área da Economia para assegurar uma boa formação avançada.

Mesmo depois de completados os graus académicos mais avançados, a tentação de ficar pelo estrangeiro é grande. Ana Rute Cardoso, 40 anos, especializou-se em Economia do Trabalho no Instituto Universitário Europeu, em Itália, e, quatro

anos após o regresso a Portugal, decidiu dar de novo o salto lá para fora, desta vez para a Alemanha, ao concorrer ao Instituto para o Estudo do Trabalho, o cerne da investigação nesta área. Foi aceite e está satisfeita com a escolha, principalmente pelo ambiente de trabalho, onde existem os recursos que faltavam em Portugal tais como, “tempo para fazer investigação, visitas de investigadores de todo o mundo e líderes que assumem as decisões tomadas”.

Nuno Garoupa, Ana Teresa Tavares, Pedro Pita Barros, Ana Rute Cardoso e Matilde Pinto Machado, são alguns exemplos de uma nova geração de brilhantes economistas portugueses. O mais provável é nunca ter ouvido falar nestes nomes, mas o trabalho que eles desenvolvem poderá vir a mudar o seu dia-a-dia. Para melhor.